



Director literario:

PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

PAPUSSE

Os rubís da princezinha

Por ALDA PINA

Desenhos de E. MALTA



RA uma vez um rei, já velho e viuvo, que tinha uma filha extremamente graciosa. Chamava-se Anita. Apesar dos inúmeros pretendentes que tinha, a princezinha ainda se não resolvera a casar e para todos se mostrava altiva e desdenhosa. No entanto, o número dos pretendentes aumentava

dia a dia. Príncipes e fidalgos, da mais nobre estirpe, vinham atraídos pela fama da esquiva princesa. Já farto de ver a filha regeitar tudo e todos e sentindo-se velho, o rei falou-lhe assim:

— Filha: vejo com profundo desgosto que regeitas todos os partidos que se te apresentam. E, pois tempo que te resolves, pois não quero morrer sem deixar assegurada a sucessão ao meu trono.

— Meu Pai, respondeu docemente Anita, com alegria acataria as vossas ordens, se uma promessa que fiz à minha falecida Mãe mo não impedisse.

— Que promessa, filha?!

— A hora da morte, minha adorada Mãe, fez-me jurar que só me casaria com o mancebo que me trouxesse um anel de rubís que minha Mãe perdeu.

— Mas onde está esse anel?

— No fundo mar. Minha Mãe perdeu-o, há vinte anos, quando veio do seu longínquo país para se tornar vossa esposa.

— Valha-te Deus, Anita! Como queres que te tragam esse anel?

— Não sei, mas hei-de cumprir a promessa feita.

Sinceramente pesaroso, o rei mandou vários arautos percorrerem o mundo, a fim de divulgar

o único meio de obter a mão da gentil e esquiva princezinha. Todos os pretendentes de Anita se apressaram a pesquisar os mares em todos os sentidos, mas todos voltaram desanimados aos seus países. Ora o rei tinha um págem que adorava a princesa em silêncio. Por amor se fizera págem. Era um admirável pintor. Sob o seu pincel inspirado, as telas pareciam ter vida. O rei fizera-o

(Continua na página 4)



O PREÇO DA GLÓRIA

Por FERRERI DE GUSMÃO

Desenhos de ANTÔNIO SERPA



INHA eu sete anos quando esta scêna se passou no mais recôndito da cosinha.

A's primeiras horas da noite o fogo tinha rompido intenso e mais feroz do que na véspera.

O official Rato Fino, comandando um batalhão de ratos voluntários, tinha atacado o forte da rataria inimiga.

Uma peça, montada sobre a caixa do «Pão Duro», fazia fogo constantemente, causando tantos estragos que até causava a admiração do artilheiro, um daqueles ratos espadatidos e cinzentos, de focinho delgado e aos quais nunca falta a coragem, aconteça o que acontecer.

Rato Fino, delgado mas elegante, olhar ríspido mas amoroso, só com uma penúgem a cobrir-lhe o focinho, ergueu ao ar a sua voz clara e bem timbrada:

— «Para a frente e sem hesitações!»

Foi como se uma mola impelisse a rataria. Num brado de heroicidade, todos à uma, se lançaram de encontro à muralha da fortaleza, que era, nem mais nem menos, do que o caixote do lixo. Em cima, em linha de combate, os ratos inimigos, de focinhos patibulares e os dentes negros de morder cartuchos, faziam todos os esforços para impedir a entrada dos voluntários. Mas as baionetas entravam naqueles corpos flácidos e quasi sem ossos, fazendo-os cair com um baque horroroso.

Rato Fino, à frente, de estandarte ao vento, obrava prodígios, com a espada em punho, furava, cortava, degolava, raspava, levando tudo na frente.

Os ratos, comandados por Rato Fino, eram uns heróis. As balas e as granadas não os intimidavam, antes pelo contrário, fazia-os chiar numa chiada de exaltação, devido a terem de defender a sua pele e o seu pêlo. Enfim, chegaram acima e venceram a fortaleza que capitulou.

Um quarto de hora depois, estavam presos os sobreviventes. Em seguida, Rato Fino mandou for-



A. Serpa / 1929

mar as tropas e passou revista; estava reduzido a metade, mas não desanimou, antes, pelo contrário, com palavras de conforto e carinho entusiasmou aqueles valentes ratos de focinhos pretos pela pólvora, incitando-os a novas façanhas.

Rato Fino com uma baionetada que lhe abriu uma brecha da orelha à boca, um grão de trigo alojado num ombro e o pélo chamuscado, entrou na ambulância para ser pen-sado.

Dez minutos depois já o seu rei sabia desta façanha e o agraciava com a «Legião do Queijo», a maior distinção da corte de Ratovânio II.

Rato Fino, cheio de orgulho e com o cérebro exaltado, dirigiu novo combate para o «Monte do Carvão» que dista dali uns dois metros. Mas, antes de partir, Rato Fino tirou da algibeira o retrato da mais linda rata da corte: — Ratatina.

Ratatina que era a rata dos seus pensamentos, de descendência italiana, e com quem Rato Fino mantinha os mais puros amôres, e que ficara lavada em pranto à sua partida.

Rato Fino quedou-se a admirar aquele focinho belo, mas um triste pressentimento o assaltou... a probabilidade de nunca mais voltar! Contudo ele tinha prometido voltar coberto de glória para, então merecer ser amado por ela e poderem realizar-se os esponsais. Rato Fino com o focinho transformado

pelo amor e pela valentia, apareceu mais marcial e erecto do que nunca.

O ataque foi terrível, feroz. No sopé do monte Rato Fino, de revólver em punho, fazia grande raziá nas fileiras inimigas. Nisto, a pequena distância,

umas quinze fardas sujas e pretas pelo carvão, aparecem, e Rato Fino que, com o entusiasmo da luta, se tinha afastado, vê-se só mas avança sempre fazendo fogo. Num momento porém, viu-se rodeado de inimigos.

A valentia de Rato Fino valeu-lhe mais alguns momentos de vida.

De espada e revólver em punho, decepa e faz fogo.

Nisto uma bala lhe atravessa o peito e Rato Fino cai. Os poucos inimigos que restam afastam-se para novo combate, e, sorrindo, Rato Fino pensa no seu amor, nos seus, no seu Rei, torce-se-lhe a boca num esgare, suspira e tomba para o lado, morto.

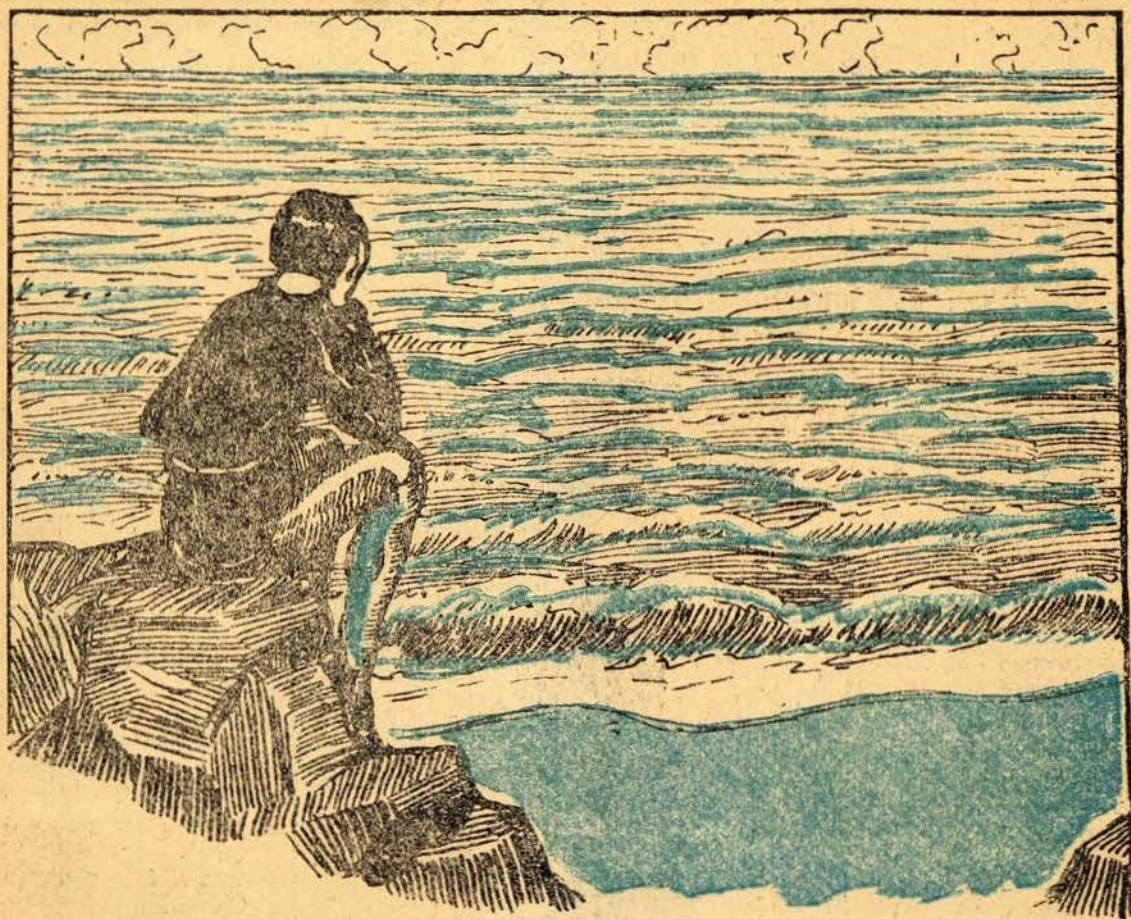
Foi este o «Preço da Glória».

Vem rompendo a manhã; tudo cessou como por encanto. Ratatina chora sobre a campa do desditoso

Rato que jaz sôb o «Poial do Pote». E a alma deste heroico e valente Rato, que combateu pelo amor, subiu para o Ceu das ratazanas.

F I M





Os rubís da princezinha

(Continuação da página 1)

professor de pintura de Anita e seu págem favorito. Na alcova do págem, tapado com espesso reposteiro, havia um retrato a óleo da filha do rei, onde João, assim se chamava ele, puzera toda a sua alma. Diante dessa tela onde Anita parecia rir e falar, ajoelhava-se João, todas as noites, como ante a Virgem Santa! Desde que soubera o único meio de obter a mão da princesa, todas as noites, João, o págem de olhos de sonho, ia sentar-se num rochedo à beira-mar e aí se deixava ficar horas esquecidas, alfinetando as ondas com os olhos, ansioso, esperando sempre um milagre que lhe fizesse obter os rubís da princesa. Uma noite em que, como de costume, tratava de arrancar às glaucas ondas o seu segredo, sentiu que uma leve mão lhe tocava no ombro. Voltou-se. Uma senhora idealmente linda, envolta em rendas que pareciam nuvens de espuma, sorria-lhe,

— Sou a ninfa Zibelina. Todas as noites te vejo aqui, tão triste, tão triste, que me causas pena. Que pesares são os teus? És belo como o mar, novo, generoso e valente. Que te falta? Se te posso ser prestável, dize, porque estou ao teu dispor.

— Não sei como agradecer tão boas palavras,

mas a verdade é que o meu penar não tem remédio; respondeu tristemente, o formoso págem.

— Quem sabe?! Dize sempre!

— Pois bem. Adoro a princesa Anita e ela só desposará aquele que lhe levar um anel de rubís que a falecida rainha perdeu no mar, há vinte anos.

— Um anel com cinco rubís perdido no mar há vinte anos? É só isso?! Alegra-te, págem de olhos de sombra, que Anita será tua esposa!

E, antes que João pudesse falar, ela bateu as pequeninas mãos e logo, sobre as ondas, surgiu uma caravela de cristal e ouro, tão linda e tão deslumbrantemente iluminada que era bem digna da sua formosíssima dona.

Dando a mão ao págem, Zibelina embarcou e a caravela fez-se ao largo com uma rapidez vertiginosa. Ao romper do dia pararam em pleno mar. Então, a ninfa desceu por uma escadinha e em breve a sua figura gracil desapareceu sob as águas. João desceu também. Chegaram ao fundo do mar. Ambos seguiram por uma floresta de plantas marinhas, até desembocarem ante um belíssimo palácio todo de coral. Um ban-

do de lindíssimas ninfas veio ao encontro deles.— São as minhas irmãs, disse Zibelina a João.

E voltando-se para elas: — ¿ Onde está nossa irmã Glauca?

— Está na sala das pérolas; disse uma das ninfas?

O págem e a ninfa entraram no palácio e, de-



pois de percorrerem várias salas, entraram na das pérolas, assim chamada por ser toda ornamentada com essas belíssimas joias. Ambas as ninfas se abraçaram muito alegres, e Zibelina disse à irmã: — Minha irmãzinha, venho pedir-te que faças a felicidade deste rapaz, visto que só tu a podes fazer.

— ¿ Eu?!

— ¿ Lembra-te daquele anel que tu achaste e de que tu gostas tanto?

— É este, disse Glauca estendendo a mãozinha.

Num dos fusilados e róseos dedos, brilhavam cinco lindos rubís, como cinco gôtas de sangue sobre um floco de neve. João ficou louco de alegria, quando a ninfa, depois de ouvir a irmã, lhe entregou o anel. No dia seguinte, o págem dos olhos de mistério e as duas ninfas, embarcaram na caravela de cristal, de regresso ao país de Anita.

João desembarcou e correu direito ao palácio. No caminho encontrou o príncipe Dagoberto, primo de Anita que se mostrou admirado da ausência do págem e do seu aspecto radiante. Como a felicidade nos torna expansivos, João contou tudo ao príncipe, terminando por lhe mostrar o famoso anel. Cheio de inveja, Dagoberto lançou as mãos à garganta do desventurado págem e, ali mesmo, fez uma cova onde o enterrou. Impando de alegria e orgulho, foi o príncipe apresentar-se ao tio e à prima. Ante o pasmo de ambos, contou que tivera uma luta titânica com um horrível monstro mari-

nho, para se apoderar da joia. A verdade, é claro! não a disse.

Chegou o dia do casamento. A noiva estava gentilíssima envolta nos seus alvos véus. Primava a alegria em toda a parte, menos no coração da princezinha. ¿ E, coisa estranha, no meio das maravilhas que a rodeavam, a despeito da gentileza do noivo, Anita lembrava-se, com saudade, duns olhos escuros e profundos como dois lagos de mistério!

Triste, muito triste, a princesa dos olhos verdes, deixou-se ficar numa salita onde não chegava o ruído da festa. Duas senhoras, ricamente vestidas e de peregrina formosura, vieram ter com ela. Eram as duas ninfas. Ante o espanto de Anita, elas contaram-lhe a odisséia do págem dos olhos belos. Tinham-no desenterrado e ressuscitado na caravela de cristal.

Enquanto Glauca ficava com a princezinha, Zibelina ia buscar João. ! Calculem o terror do príncipe, a cólera do rei e o pasmo das gentes da corte, ao ouvirem dos lábios da princesa Anita a história dos rubís! O rei queria mandar decapitar o sobrinho, mas, cedendo aos rogos de João e de Glauca, Dagoberto foi perdoado.

João casou com Anita, e o príncipe, arrependido e emendado do feio pecado da inveja, casou com a belíssima Glauca.

Zibelina vem todos os anos visitar a irmã, na



caravela de cristal, e, durante a sua permanência, a caravela enche-se dos risos cristalinos de meia dúzia de bebês, com que Deus brindou os dois venturosos casais.

HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

FAGULHA

HORIZONTAIS

- 1, Outra coisa. — 2-A, Palmeira. — 3, Abundância — 4, Semelhante — 6-A, Margem de Rio — 7, Caminhadas — 8, Pau grosso que termina a pôpa e a proa dos navios — 9, Orbe — 10, Artigo — 11, Nota musical — 13, Lavar — 15, Artigo

VERTICAIS

- 1, Reque — 2, Chão da chaminé — 2-A, Marca de automóvel — 4, Canôa comprida aos índios — 5, Pretada — 6, A inteligência humana — 6-A, Zombar — 10-A, Ruim — 12, Meteoro vulgarmente chamado Arco-da-Velha — 14, Batráquio

RELAMPAGO

HORIZONTAIS

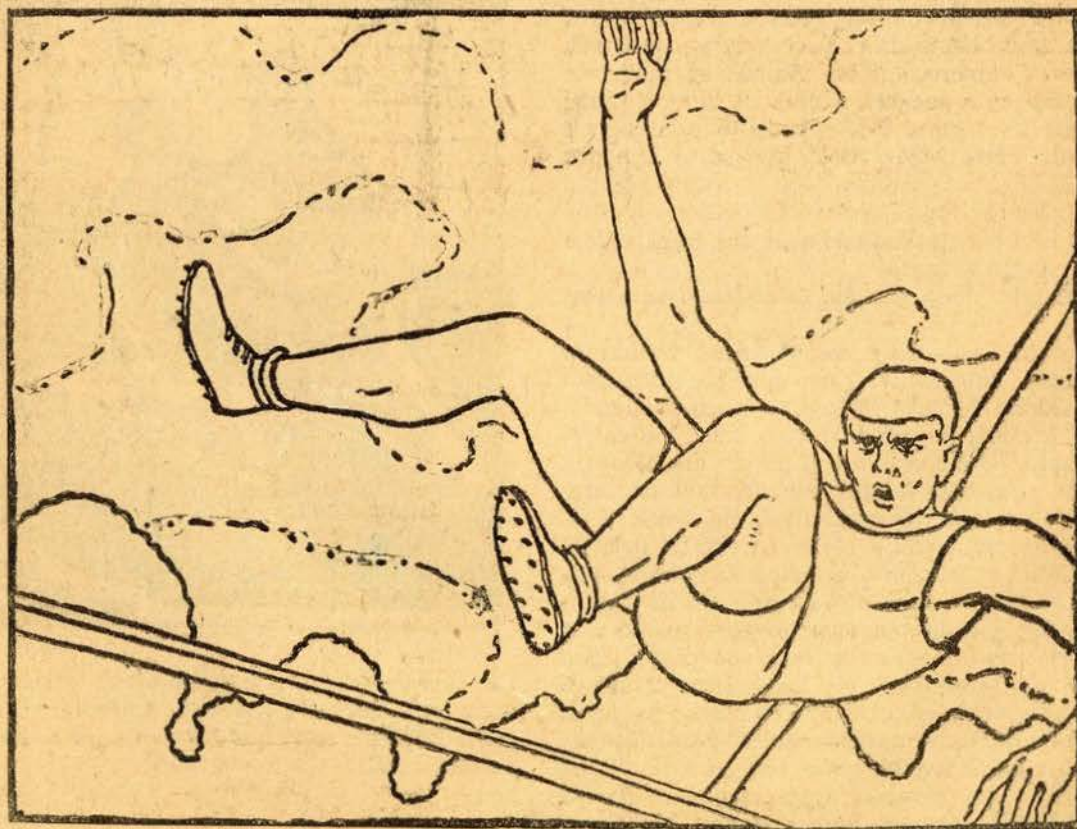
- 2, Tapeçaria com figuras — 4, Altar de sacrifícios — Pronome pessoal — 6, meado de séc. s — 10, Catafalcos — 11, Espécie de tonel — 12, Espécie de cegonha — 13, Gume — 14, Conjunção em francês — 15, Instrumento de patheta, fusiforme — 18, Artigo espanhol — 19, Embocadura de um rio

VERTICAIS

- 1, Admirável — 2, Batráquio — 3, Som de golpe ou pancada — 6, Cadeia de rocheas à flôr d'agua — 7, espécie de letto para recosto — 8, Que tem sabedoria — 9, Parte do corpo das aves — 16, Autoridade superior entre os turcos — 17, Palmeira

FAGULHA

RELAMPAGO



ENIGMAS PITORESCOS INFANTIS

por MORENITA

Decifração dos anteriores

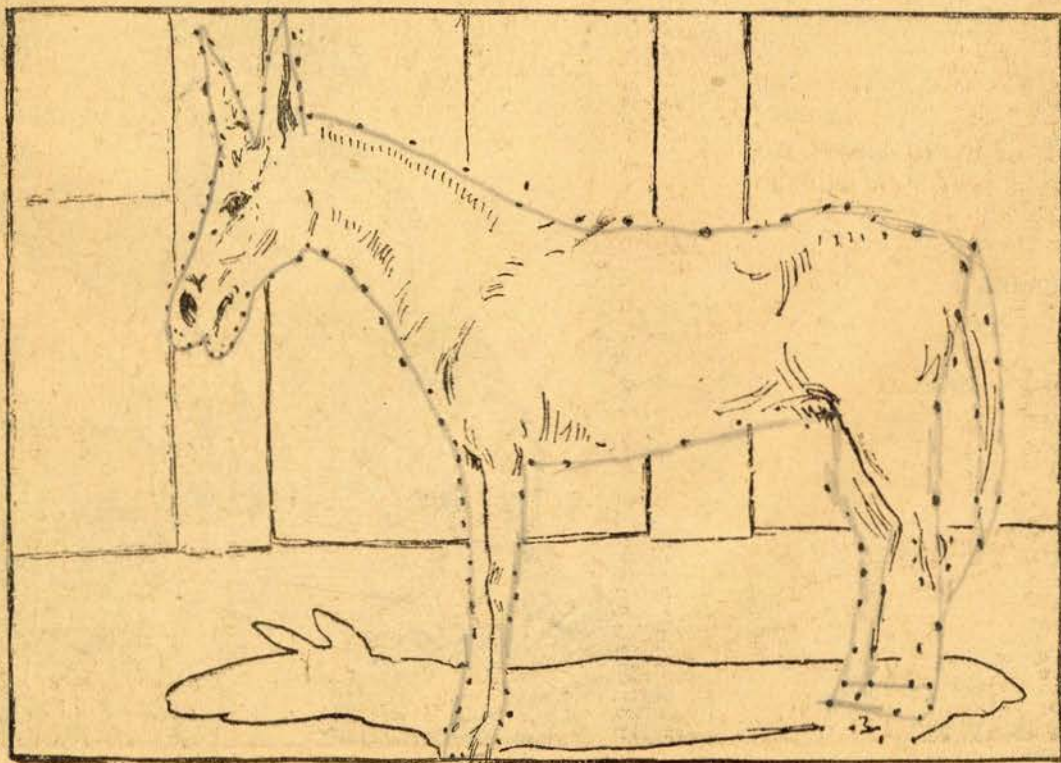
Desejo do coração a todos os priminhos umas festas muito felizes e um ano novo cheio de risos e promessas.

Ao «PIM-PAM-PUM» deseja Boas-Festas a sobrinha Morenita.

ADIVINHAS

- 1 — Qual a terra portuguesa que nos faz falta para entrar em casa?
- 2 — Qual a terra portuguesa que é verbo?
- 3 — Qual a terra portuguesa, que sendo portuguesa é estrangeira?
- 4 — Qual é a terra portuguesa que todos os cães têm?
- 5 — Qual a terra portuguesa que está nas igrejas?
- 6 — Qual o rio português que vòa?
- 7 — Qual a terra portuguesa onde ha cisnes?
- 8 — Qual a terra portuguesa que faz falta numa casa?

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



CÈGUINHO!...

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenho de EDUARDO MALTA

Cèguinho!...

— Olhai...

Lá vai
sem saber o caminho!

Pòbrezinho;
faz dó!

Mas não vai só,
olhai...

leva a nêtinha ao lado!

Ai,
se ele fôsse sòzinho?!...

se fôsse só, coitado,

ai,
que seria de si?!...

Mas como tem

— embora mais ninguém —

uma nêtinha,

uma neta que é todo o seu
tesoiro,
de olhinhos muito azuis e ca-
belinho

loiro,

a servir de bordão,

pelo caminho,

o cèguinho

sorri!

E em sua escuridão

brilha um solzinho

d'oiro!

Não se sente infeliz

e não maldiz

seu fado

ou seu destino!

Leva a nêtinha ao lado,
o mais que importa?!

ainda mais, até,
que se tivesse a vista!

De porta em porta,
vai...

— Olhai:
como um artista!...

E afinando
o violino
e apurando
a garganta,
sorri
e canta
e vê...

Menino que isto lê
com os olhos da cara:
Há uma vista mais rara
do que essa com que vês,
do vosso rosto à flor!

Se é que nunca, talvez,
reparaste; repara:
— E' a vista do Amor!

